**INFECÇÕES OPORTUNISTAS EM RECEPTORES DE TRANSPLANTE RENAL**

Jamila Moura Fraga¹, Heloisa Sousa Oliveira¹, Antônia Rozângela Souza de Oliveira2, Isakelly de Oliveira Ramos3, Rita Mônica Borges Studart⁴.

1- Enfermeiras. Residentes no Programa de Residência Multiprofissional em Transplante de Órgãos e Tecidos do Hospital Geral de Fortaleza. Fortaleza, Ceará. Brasil. 2-Acadêmica do Curso de Enfermagem na Universidade de Fortaleza. Fortaleza, Ceará. Brasil. 3-Enfermeira. Mestranda do Mestrado Profissional Tecnologia e Inovação de Enfermagem da Universidade de Fortaleza. Fortaleza. Ceará. Brasil. 4- Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Universidade de Fortaleza. Orientadora. Fortaleza, Ceará. Brasil.

As infecções oportunistas são as principais causas de morbidade e mortalidade no paciente transplantado devido a imunossupressão, podendo causar sérios danos e perda do enxerto renal. Objetivou-se avaliar as infecções oportunistas em receptores de transplante renal. Estudo descritivo, documental retrospectivo, desenvolvido em um hospital terciário especializado em transplante de Fortaleza/CE. A amostra foi constituída por 185 prontuários de transplantados. Foram incluídos no estudo transplantado renal de doador falecido e excluídos transplantes duplos. A coleta ocorreu de janeiro a fevereiro de 2018, após aprovação do CEP Nº: 71105/17. O estudo mostrou prevalência do masculino nos receptores renal (55,6%), na faixa etária entre 41 a 50 anos (28,5%), com peso entre 61 a 75kg (33,3%). O status sorológico para o citomegalovírus foi positivo em 68,4% nos doadores e 71,6% nos receptores, constatando-se uma alta prevalência entre doador e receptor renal. Quanto à repercussão de infecção por citomegalovírus nos receptores após o transplante foi de 3,2%. Em relação às infecções oportunistas, ocorreram 19% urinária; 4,2% respiratória e 1,1% de herpes simples; 75,7% não apresentaram infecções no período de internação. O número de pacientes que necessitou de suporte dialítico foi 44%. A disfunção do enxerto ocorreu em 27,1% com níveis séricos de creatinina de 1.1mh/dl a 2.0mg/dl em 57,1% dos casos na internação. O citomegalovírus foi a principal preocupação para controle das infecções oportunistas, pois pode se manifestar e levar o paciente imunossuprimido à infecção pós-transplante. No que diz respeito ao tempo de internação, a predominância foi da internação com um período menor que dez dias (34,9%), mostrando uma pequena média de internação para um transplante renal. Houve uma predominância relevante de 79,9%, no número de doadores que apresentaram status sorológico para citomegalovírus reagente em relação aos que não eram reagentes. O número de receptores com citomegalovírus reagente também se apresentou alto, com uma diferença de 79,8% sobre os que não eram reagentes. Em relação à terapia para citomegalovírus, 98,2% dos casos fizeram terapia pré-empitiva, isto é, realizando coleta do PCR (reação em cadeia de polimerase) quinzenalmente, e, apenas, 1,8% dos casos realizaram profilaxia. A positividade sorológica para citomegalovírus em doadores e receptores renal é alta, mas sua repercussão nos receptores para desenvolver a doença é baixa. Contudo é necessário fazer um tratamento profilático após o transplante e um acompanhamento laboratorial para controle. O estudo revelou informações sobre o status sorológico dos receptores de rim, favorecendo ao desenvolvimento de estratégias de cuidados aos pacientes imunossuprimidos.

**Descritores:** Sorologia; Transplante de rim; Infecção.